A validade da intervenção da contratransferência no trabalho da psicologia institucional*

ANA LUCIA DE O. CASTOR

1. Contratransferência-psicologia institucional, abordagem feita pela análise institucional; 2. Conceituação; 3. Apresentação da instituição-escola e da atuação da psicologia institucional; 4. Apresentação da vivência institucional dos estagiários de psicologia do período de agosto/87 a julho/88 no C.C.C.S.C.; 5. Conclusão.

Supondo que a relação psicólogo institucional-instituição é interpessoal e complementária, esta pesquisa foi desenvolvida a fim de encontrar explicação para o que ocorre nas reações contratansferenciais e, também, para mostrar a validade de suas intervenções no trabalho de investigação do psicólogo institucional em qualquer tipo de instituição.

1. Contratransferência – psicologia institucional, abordagem feita pela análise institucional

Para melhor compreender a interação existente entre o fenômeno da contratransferência e o trabalho da Psicologia Institucional, abordaremos conceitos elaborados pela Análise Institucional, apesar de ela guardar diferenças em relação ao ramo da Psicologia citado acima.

"A Psicologia Institucional que resultou da necessidade dos psicanalistas argentinos de influírem com suas práticas, em certo momento político de seu país, constitui movimento que parte da psicanálise para a política, e intervém nas organizações através do trabalho realizado com grupos e da análise psicológica destes." (Heliana et alii, 1987.)

Por sua vez, a Análise Institucional, de origem francesa, emprega mais conceitos sociológicos e políticos junto a sua perspectiva também política e transformadora na intervenção às "assembléias gerais".

Segundo os institucionalistas, também chamados de analistas institucionais, todos os fantasmas das pessoas fazem parte de grupos mais ou menos pequenos circulares, como é o caso da família, ou fazem parte de grupos estranhos, como objetos parciais, figuras que as pessoas vão reproduzindo ou produzindo num certo acontecimento grupal.

* Artigo elaborado a partir da monografia do curso de graduação em Psicologia da UFRJ.
(Endereço da autora: Rua Souza Lima, 51/601 – 22.081 – Copacabana.) (Artigo apresentado à Redação em 30.8.89.)

Se for muito limitada a possibilidade das pessoas de se abrirem para serem atravessadas, daí o uso do termo *transversalidade*, provavelmente, elas agirão de forma mais ou menos dura e *repetitiva*. Constatamos então a ocorrência do fenômeno da transferência nessa repetição ou *acting out*.

Isso responde ao interesse tanto dos institucionalistas quanto dos psicólogos institucionais pelos grupos, já que estes colocam em funcionamento alguma coisa no interior da instituição ou no interior deles mesmos.

Os institucionalistas, assim como os psicólogos institucionais, reconhecem a existência dos fenômenos transferenciais e contratransferenciais no trabalho desenvolvido nas instituições através da análise da *implicação*. Aqueles julgam que a contratransferência do analista se dá pela vinculação dele com os indivíduos, grupos e instituições com os quais trabalha, dado que aí estamos ao nível das identificações, rivalidades ou alianças e conflitos políticos dentro da organização. (Heliana et alii, 1986.)

Para os analistas institucionais, a idéia de implicação deriva na de transversalidade, já que é generalizada a todos os agentes e grupos sociais envolvidos na instituição e não apenas aos "analistas".

Tendo visto que a implicação é o grau de envolvimento presente no analista para com o objeto estudado, no caso a instituição como um todo, de ordem afetiva, política e ideológica, ela nos remete ao conceito de contratransferência. Esta idéia se choca com a da neutralidade do cientificismo positivista que coloca o investigador fora do contexto estudado, longe do objeto, sem implicações alguma com este.

2. Conceituação

A) Transferência e contratransferência

Para se conhecer a contratransferência, procuramos entender primeiro o que é a transferência, já que ela é abordada e reconhecida por todos os analistas e pontua a existência da contratransferência. Como o próprio Heinrich Racker (1986) denomina, a contratransferência é "(...) a resposta vivencial à transferência e, se aquela for silenciada, esta não poderá se desenvolver com plenitude de vida e de conhecimento" (1986).

A *transferência*, como conceituou Freud, é o conjunto de fenômenos e processos psicológicos do paciente dirigidos ao analista, e derivados de outras relações de objetos anteriores com um sentimento, uma consideração equivocada da pessoa do analista. Já que a lembrança de complexos psicológicos infantis não são acessíveis à memória, porque são muito reprimidos e dolorosos, o analisado repete alguns sentimentos vinculados a esses complexos.

"Além da transferência ser uma expressão da resistência do analisado, este desloca para o analista sentimentos dirigidos originariamente aos seus primeiros objetos de amor e de ódio, de desejo e de medo, que são geralmente o pai, a mãe e os irmãos"(Racker, 1986).

Inicialmente a transferência era vista como um fator perturbador, mais tarde, contudo, foi reconhecido seu valor inestimável para o trabalho analítico. Freud chegou a julgá-la essencial para a boa recuperação da saúde psíquica do paciente. Ele aconselhava aos analistas que concentrassem toda a libido do analisado na transferência, para que pudessem analisar os tipos de relações psíquicas que aque-

le mantinha com seu analista, já que eram uma reedição de impulsos, sentimentos e conflitos infantis.

A concentração espontânea da libido do analisado na sua relação com o analista se deve à resistência como forma de defesa ao sentimento de angústia que a análise provoca, e ao desejo do analisado de encontrar no analista um pai ou uma mãe que lhe dê a satisfação que ele não recebeu de seus pais reais.

Racker esclarece que as relações dêvem ser desenterradas, porque precisam ser revividas a fim de terem um melhor destino, assim como as relações atuais, que são determinadas por elas. Contudo, após sua utilização como instrumento técnico, a transferência deve ser destruída pelo analista, mostrando ao analisado o quanto é inadequado e fora de realidade o seu comportamento transferencial para com aquele.

Freud, em 1910, reconheceu a existência da contratransferência ao citar que "(...) no médico surge como resultado da influência do paciente sobre os seus sentimentos inconscientes, e estamos quase inclinados a insistir que ele reconhecerá a contratransferência em si mesmo e a sobrepujará". No entanto, ele considerava que ela deveria ser evitada, pois "(...) nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas e, em conseqüência, requeremos que ele deva iniciar sua atividade por uma auto-análise e levá-la, de modo contínuo, cada vez mais profundamente, enquanto esteja realizando suas observações sobre seus pacientes" (Freud, 1970).

Para Racker (ibid) "a contratransferência, além de poder prejudicar ou auxiliar na compreensão dos conflitos inconscientes do analisado, também co-determinará a própria transferência e sua elaboração, já que o analista é objeto da transferência e sua atitude representa a atitude deste objeto que influi sobre a transferência".

Apesar da contratransferência ser aceita por muitos analistas como instrumento técnico no processo analítico, Racker e outros autores assinalam que, ainda hoje, existem analistas que vêem a contratransferência como um fenômeno negativo para o trabalho analítico, e que se ele se dá é por causa de falhas do analista. Racker acredita que essa recusa talvez se dê porque a contratransferência suscita partes infantis e neuróticas do analista que ele próprio não quer se confrontar.

A contratransferência pode ser melhor entendida quando se reconhece que o analista na sua intenção de compreender seu paciente cria a predisposição de se identificar com este, identificação esta que é a base da compreensão.

Racker afirma que seja qual for a vivência do analista suas reações sempre têm ligação com os processos do paciente. Até mesmo as idéias contratransferenciais mais neuróticas apenas surgem diante de determinados pacientes e situações, podendo, portanto, indicar-lhe algo sobre eles.

Como a contratransferência é um tema muito vasto de conhecimento, esse trabalho procura enfocá-lo nos seus aspectos mais ligados a sua intervenção no trabalho do psicólogo institucional. Esses aspectos se referem mais às reações contratransferenciais, que, mais adiante, veremos presente no trabalho de toda a equipe de psicologia institucional numa instituição-escola.

Entre os tipos de reações contratransferenciais temos o tédio e a sonolência como resposta ao distanciamento ou abandono afetivo do paciente. Estes são parciais, pois efetivamente o paciente não se afasta e nem deixa de ficar do lado do analista, não há perigo do paciente fugir à relação analítica. Eles se expressam sob a forma de intelectualizações (bloqueio afetivo), aumento de controle, na monotonia da fala e etc., dando ao analista a sensação de ser excluído e impotente em relação ao curso das sessões. Como o paciente tem medo de projetar os objetos in-

ternos ora perseguidos ora perseguidores sobre o analista, e atualizar as relações latentes e internas com eles, o paciente controla e seleciona "conscientemente" as comunicações, despersonaliza-se, bloqueia-se afetivamente e reprime toda relação transferencial.

Também a angústia e os sentimentos de culpa contratransferenciais levam à submissão contratransferencial, que tanto pode influir sobre a compreensão, conduta e técnica do analista quanto no que possa mostrar sobre a transferência do paciente e, até mesmo, mimá-lo. Se o analista se submete ao paciente, passa a sentir raiva deste e acaba levando-o a temer sua vingança.

A partir do ponto de vista de alguns analistas como Racker de que a relação analítica é uma interação, é interpessoal, quer dizer, se dá entre duas pessoas – analista-analisado –, cada uma desempenhando o seu papel, o que Devereux denomina de papel complementário, conseguimos entender melhor como as reações transferenciais e contratransferenciais se dão e o seu valor de comunicação analítica.

Como Devereux (1977) considera todo tipo de interação social configuradora para a sociedade do tipo apropriado de reciprocidade que deve haver entre as pessoas interatuantes, podemos incluir aí a relação analítica e a relação psicólogo institucional-instituição.

B) Papel do psicólogo institucional e conceito de instituição

Uma das diversas áreas de atuação da psicologia, enquanto ciência do comportamento humano, e de interesse particular do psicólogo clínico, é a da Psico-Higiene. Esta denominação se refere à ação da psicologia sobre o nível psicológico dos fenômenos humanos com métodos e técnicas procedentes do campo da psicologia, como um todo, e da psicologia social.

A definição de Psico-Higiene é oriunda do conceito de Higiene Mental proposto por C.W. Beers, em 1908, sendo que atualmente se acrescentou a essa concepção de cura terapêutica a de prevenção da doença. Sendo assim, a ênfase dada à higiene mental passa da doença à saúde, à atenção da vida cotidiana dos seres humanos. Em 1952, a Organização Mundial de Saúde (OMS) formalizou este conceito como um conjunto de atividades e técnicas que promovem e mantêm a sáude mental.

Do conceito de Psico-Higiene surge o de Psicologia Institucional, introduzido pelo médico e psicólogo argentino José Bleger entre 1962 e 1964. O enfoque passa então do individual para o social, fazendo-se necessário a instrumentalização de novas técnicas e conhecimentos.

Para que a psicologia possa elaborar a estratégia de seu trabalho institucional que abarca, fundamentalmente, a relação do psicólogo com a instituição na contratação, programação e realização do trabalho profissional e os critérios que sustentam a relação psicólogo institucional-instituição, antes de mais nada o psicólogo precisa estudar a estrutura, a dinâmica e a psicologia das instituições (estudo dos fatores psicológicos que se acham em jogo na instituição).

Segundo Bleger (1956) a Psicologia Institucional, abarca o conjunto de organismos de existência física concreta, com um certo grau de permanência em algum setor específico da atividade humana, para investigar nele todos os fenômenos humanos que se relacionam com a estrutura, a dinâmica, funções e objetivos da instituição.

O psicólogo institucional para poder decidir seu ingresso na instituição deve, antes de mais nada, conhecer os objetivos específicos dela e como ela se organiza para alcançar esses objetivos, e estar de acordo com isto, já que a ética faz parte do enquadramento da tarefa a ser desenvolvida pelo psicólogo. No entanto, não quer dizer com isto que os objetivos da instituição sejam os seus objetivos profissionais.

Os objetivos de uma instituição tanto são explícitos – conteúdos manifestos – quanto implícitos – conteúdos latentes. Cabe ao psicólogo institucional tornar manifesto os problemas que estão variáveis possíveis. Contudo, para que ele possa atuar dessa forma é necessário que haja um certo grau de *insight* dos conflitos, defesas e resistências frente aos mesmos, dos esforços e direções buscados para as soluções por parte da instituição (como se esta fosse um cliente que se percebe com conflitos e que pretende mudar, compreender-se com a ajuda do analista).

Como assessor ou consultor, o psicólogo deve deixar a solução e a execução nas mãos dos próprios integrantes da instituição, dando-lhes autonomia na decisão. Ele age como um agente de mudanças por fazer uma leitura crítica da dinâmica da instituição, e como um catalisador ou depositário de conflitos.

Visto que um dos objetivos profissionais do psicólogo institucional é a investigação dos fenômenos psicológicos pertencentes à instituição e a técnica de atuação, o modelo clínico é empregado no âmbito da Psicologia Institucional e a técnica psicanalítica como guia para o enquadramento dessa psicologia.

A atitude clínica é considerada como "o manejo de certo grau de dissociação instrumental que permita ao psicólogo se identificar com os acontecimentos e pessoas, como também manter uma certa distância destes, para não se ver pessoalmente implicado nos acontecimentos que devem ser estudados e não abandonar o seu papel específico" (Bleger 1984). Isto corresponde ao que Racker denomina como "sã dissociação".

Segundo Bleger, os primeiros contatos estabelecidos pelo psicólogo com a instituição devem servir ao tipo de enquadramento da tarefa, o conhecimento das ansiedades diante da mudança, o grau de aceitação ou rejeição do psicólogo, as dissociações entre grupos que aceitam e outros que rejeitam, às fantasias projetadas sobre o psicólogo, o grau de realidade e adequação das expectativas. Esses primeiros contatos já orientam o diagnóstico como também o conhecimento da história da instituição.

Apesar da instituição ter uma existência própria externa e independente dos seres humanos individualmente inseridos nela, o seu funcionamento é regulado pelas leis objetivas de sua própria realidade social, como também pelas projeções que as pessoas fazem nela. Isto porque o ser humano encontra nas diversas instituições um elemento de apoio e segurança, uma identidade e uma inserção social. A instituição desperta diferentes significados e valores para os diferentes indivíduos ou grupos que a compõem.

3. Apresentação da instituição-escola e da atuação da psicologia institucional

O Centro Cultural Comunitário de São Cristóvão, (C.C.C.S.C.), localizado nas redondezas da Mangueira, Campo de São Cristóvão, foi inaugurado no dia 12 de outubro de 1983, oriundo do projeto político do governo Brizola de dar educação à classe popular através do trabalho de uma equipe multidisciplinar formada por: pedagogos, psicólogos, sociólogos, médicos, professores, funcionários, alunos e comunidade que interagiam nas tentativas e crença da transformação social.

Foi escolhido o modelo do projeto de Anísio Teixeira para iniciar o trabalho do primeiro Brizolão, onde o professor aprende junto com o aluno para então poder ensinar a este num processo constante de ensino-aprendizagem.

O C.C.C.S.C. tinha como objetivo oferecer às crianças matriculadas na rede municipal de ensino uma complementação a sua escolariedade por meio de uma Escola Parque. As crianças entre 6 e 19 anos freqüentariam num turno uma escola regular e, no outro, o Centro, onde através da arte (pintura, música – lidar com o atabaque, violão e flauta – escultura em barro, brinquedos, jogos e desafios) e da educação física obteriam elementos para melhor aproveitar os ensinamentos formais que a escola lhes oferecia.

Com o passar dos anos a *Escola Parque* passou a funcionar como uma escola de horário integral, com o objetivo de manter a criança de classe popular o dia todo na escola, tendo alguém para lhe ajudar nos trabalhos de casa, oportunidade que não encontraria em sua própria casa. Dentro dos objetivos da escola o principal era desencadear uma ação educativa no sentido de resgatar a *autovalorização* dessa criança, de sua cultura e sociedade.

Atualmente, essa escola passou a se chamar Escola Municipal Mestre Waldemiro. Apesar de todas suas mudanças de estrutura, de funcionamento, de objetivos e quadro de funcionários, a psicóloga Wanda Dias dos Santos continua trabalhando como *consciência crítica* do que se vive no Centro, fazendo a leitura, fundamentada no modelo clínico, das relações institucionais.

A Psicologia Institucional atuou nos diversos fóruns institucionais como nos CE's – Centro de Estudos –, onde se ajudava a práxis dos professores através da orientação de diversos temas, e CI's – Centros Interdisciplinares –, nos quais se dava o encontro de diferentes profissionais das diferentes áreas, com a possibilidade da troca de experiência por meio de grupos operativos, onde eram trabalhadas as relações afetivas, criativas e profissionais que se desenrolavam na instituição.

Nesses fóruns, CE's e CI's, procurava-se entender, compreender e, às vezes, traduzir os diferentes sentimentos que a instituição fazia brotar nas diferentes pessoas nela inserida. A psicóloga enfatizava a importância de se estar atento a esses sentimentos, que são os mesmos que surgem numa análise de grupo (sócio-análise), mas que não deveriam ser interpretados. Mesmo quando se ansiava em traduzi-los nas histórias pessoais, devia-se manter, sempre que possível, a dinâmica do corpo institucional.

Wanda Dias dos Santos assinala o quanto que o grupo trazia às dimensões mais primitivas de sua estruturação psíquica, principalmente nos CI's, onde se manifestava mais intensamente a diversidade da prática e da ideologia de cada um. Constantemente, buscava-se ocultar na posição de coordenador do grupo, da liderança deste, porém, as identificações eram grandes e o ciúme institucional se manifestava com freqüência, reencenando-se assim a dimensão da conduta erótica do grande banquete da "orda primeva".

Ela acredita que suas características pessoais, sua personalidade, seu jeito de ser e a sua maneira de se articular com o trabalho podem ter bloqueado muitas vezes, mas também percebe que ela não podia deixar de fazer uma leitura crítica da instituição, de colocar na palavra o que a instituição se negava a ouvir de seus componentes em determinados momentos, já que nem sempre é fácil ouvir aquilo que as pessoas sempre tentaram ocultar. Ainda em sua leitura institucional, Wanda concluiu o quanto as pessoas tentam se aglutinar para impedir que a individualidade possa surgir no grupo, que o indivíduo se constitua nesse corpo institucional.

4. Apresentação da vivência institucional dos estagiários de psicologia do período de agosto/87 a julho/88 no C.C.C.S.C.

Os estagiários, supervisionados pela psicóloga Wanda Dias dos Santos, intervinham criticamente dentro das salas de aula, junto à dinâmica das relações professor-aluno e aluno-aluno, nos treinamentos e conselhos de classe específicos de cada série, suscitando a manifestação dos conteúdos latentes do grupo.

Participando dos fóruns institucionais, os estagiários contribuíam com elementos de reflexão sobre as situações e conflitos vivenciados pelos membros institucionais.

Durante todo o estágio, a equipe pôde desenvolver a compreensão dos fatores que regem uma comunidade pobre e marginalizada como a Mangueira, com a dor de suas crianças sem direito às necessidades mais básicas de vida, e os estagiários despertaram para o seu papel de agentes transformadores da sociedade.

Além da visão sócio-política somada ao medo, ansiedade, angústia, tristeza e desafio suscitado em todos durante todo o processo de vivência institucional numa comunidade sofrida e carente de ajuda e de crença, acreditamos que foram mobilizados materiais inconscientes na história pessoal de cada estagiário, materiais estes que nos interessaram destacar para fazer o elo de ligação do trabalho da psicologia institucional com o fenômeno da contratransferência e de seu manejo como técnica analítica.

Procuramos detectar a ocorrência da contratransferência nas emoções sofridas pelos estagiários e relatadas por cada um em sua auto-avaliação.

Na auto-avaliação de um dos estagiários, ele declara: "(...) a 3ª fase (do decorrer do trabalho) foi de muita ansiedade por me defrontar com pessoas e situações altamente transferenciais. Participei nessa fase de centros de estudos que trabalhavam com a questão da sexualidade/agressividade dos professores e de suas turmas, nos quais me responsabilizei por administrar explicações anatômicas sobre a sexualidade tanto feminina quanto masculina. Conseqüentemente tive que trabalhar o material psíquico dos alunos despertado pelas explicações e pelo próprio momento natural da entrada deles na puberdade, que levou à demanda dos esclarecimentos.

Esse trabalho mobilizou afetos e material inconsciente próprios que me causaram ansiedade, mas também crescimento através de sua elaboração nas supervisões. Após recuar e investigar a transferência vivida por mim, consegui retornar à turma e professora, resgatando as emoções e afetos mobilizados e os clarificando para os elementos envolvidos".

Esse estagiário, na verdade, sofreu uma contratransferência no momento de contato com os alunos e professora, pois estes com seus anseios e dúvidas sobre sua própria sexualidade despertaram no estagiário a auto-avaliação de sua sexualidade. Ele não pôde continuar dando as explicações no momento contratransferencial para os alunos, mas foi crítico com a impossibilidade da professora o fazer. Isto se deu porque o estagiário se contra-identificou projetivamente com a professora, repetindo com esta o que deveria ser voltado para si mesmo.

Ainda, em função da contra-identificação projetiva, o estagiário não conseguiu clarificar essa impossibilidade da professora, porque se sentiu também incapaz. Contudo, após um bom trabalho de supervisão com clarificação e interpretação desses pontos, o estagiário pôde retomar e esclarecer à professora a sua impossibilidade e, com isso, baixar o nível de tensão que tinha se instalado entre os dois.

"Por causa de meu temperamento tímido, muitas vezes tive que me superar ao lidar com o que o serviço exigia, em termos de relações humanas, como, por exemplo, opor-me à opinião da maioria em uma reunião, na leitura das relações que ali se desenvolviam. Aliás, isto é uma uma coisa não resolvida em mim ainda, mas faz parte dos objetivos que pretendo alcançar ou trabalhar nas supervisões com sentimentos guardados. (...) esta foi uma forma que, inconscientemente, encontramos de mostrar serviço." Este estagiário em seu relato assinalou a sua dificuldade em lidar com a oposição, com a tomada de opinião própria que o deixa passivo diante das exigências. Pode-se conjecturar que a instituição lhe impunha tarefas que não eram suas e que o colocava numa posição passiva, como fazia com os outros membros institucionais.

Outro estagiário também marca, em seu discurso, essa passividade e acrescenta a questão de autoridade que permeia as relações institucionais: "Ao se fazer uma 'leitura' das relações entre os integrantes, esta nem sempre é bem-vinda. Esbarra-se, então, em dois pontos importantes: o de poder observar ativamente, sabendo lidar com o conceito de autoridade que foi se formando ao longo da vida (família, escola, universidade), como também o de lidar com o fato de quem é, em muitas ocasiões, uma *persona non grata*, pois ao clarear fatos, questões, posicionamentos não se espera um agradecimento. Isto vai de encontro à formação que me foi dada, ou seja, a de se buscar conquistar a 'aparente' simpatia do grupo em que se está relacionando."

Estes pontos são bem fortes e podem confundir o objetivo do estagiário. Em algumas ocasiões acarretaram uma passividade em mim. Tanto esta passividade quanto a conquista da "aparente" simpatia do grupo, ou seja, da manutenção da imagem positiva, são atitudes comuns buscadas nos elementos institucionais para serem aceitos por sua instituição.

Já no início de sua auto-avaliação, a estagiária M.F. diz que: "Fazer uma retrospectiva destes seis meses de estágio seria fácil, não fosse este período tão marcante, repleto de descobertas, gerador de dúvidas, tão 'mexedor' de mim (...) (...) recomeçadas as aulas (já que era o 2º semestre do ano letivo), fomos à luta! De início me senti um pouco perdida na instituição, já que não fui 'calorosamente' recebida por seus membros, e de cara percebi, embora atingida em minha vaidade, que teria que conquistar meu 'espaço', atenção e respeito. Foi a primeira grande lição (...)" Esta grande lição deve ter passado também para outros profissionais que, acostumados a uma educação paternalista, esperam que a sua função seja dada, delimitada pela própria instituição, e que se não tomam posse de sua própria responsabilidade, não são respeitados e considerados como adultos profissionais.

A estagiária continua dizendo que: "Neste período senti grande ansiedade, tristeza e, paralelamente ao estágio, ou terá sido por causa dele (?), atravessei uma fase de grandes questionamentos. Daqueles que 'balançam' as mais profundas convicções, as certezas mais certas, que nos fazem repensar valores e atitudes, nossa vida e modo de ser. Pois é... talvez tenha sido a primeira vez que tinha ficado tão 'desestruturada', saída de trás do escudo de segurança, e passado por um processo que, embora doloroso, me fez crescer. Senti-me confusa, dividida, imperfeita e, sobretudo, humana. E agora talvez mais apta a compreender, a compartilhar as dores humanas. (...) O estágio continuaria e, por me sentir alheia ao grupo, ficava angustiada, meio solitária, rejeitada (?), mas não escondendo tais sentimentos do grupo, o famoso "sono" durante as supervisões."

Esse "sono", que podemos identificá-lo como um tipo de reação de contra-transferência, foi clarificado e interpretado pela supervisora, no que resultou numa tomada de consciência pela estagiária de que "foi um período de ânimo e desânimo, altos e baixos, sabendo-me capaz de realizar um bom trabalho e não o fazendo. Ou melhor, achava que era capaz e não o fazia por estar confusa, em dúvida. Mas será que era mesmo? Ou será que era difícil admitir o *medo* de participar das reuniões, de encarar e criticar os outros, de me expor, de não ser aceita? De ser 'profissional'; 'adulta'?"

Contudo "(...) mais do que válido, este período foi um marco, já que depois dele, a pessoa, mulher, profissional e psicóloga, M. F., não será mais a mesma. E me pergunto, poderia ser diferente?"

Na auto-avaliação do estagiário C., ele pontua a sua vivência com um aluno que despertou nele um ponto-chave em sua vida, que era a busca da liberdade em forma de revolta, de revolução: "Vou referir um fato marcante para mim que jamais pensei que ocorreria. Eu, como psicólogo, tive que aprender a correr atrás de uma criança pelas ruas, para lhe dizer que eu gostava dela. Não compreendia o que acontecia e queria que ela me ensinasse que eu não tinha o direito de cortar sua fantasia de liberdade. Não, não o chamemos de liberdade ou individualidade (porque não a tem), e sim de revolta." Provavelmente, esse estagiário no curso do trabalho e das supervisões percebeu que aquela fuga para a liberdade, ou, como ele queira, para a revolta, lembrava a sua própria, na sua história de vida, e com isso aprendeu a respeitar o desejo do outro, como ele desejava que fosse respeitado o seu próprio desejo.

Terminando os relatos, vejamos o da estagiária P. "Muitas vezes me senti despida (e sei que ainda me sentirei) com essas crianças e tudo que se referisse a elas. Fui muito tocada como ser existencial e como integrante de uma sociedade. Tenho certeza que desenvolvi muito o meu lado questionador e posso afirmar que tenho indagado muitas coisas: minha vida, minha profissão, meu estágio e minhas escolhas. (...) a violência que via nas crianças era assustadora e me sentia muito impotente no meu trabalho. Inúmeras vezes levei isto à supervisão, sempre associando ao meu estilo de vida, e isso mexia muito comigo. Era (é) duro ter que questionar a minha vida para poder entender o que se passava comigo. Porém, o crescimento não é fácil." Podemos dizer que a reflexão da estagiária sobre sua vida e, conseqüentemente, sobre o que se passava com ela, a levou a compreender e esclarecer o que acontecia com as pessoas e situações que as mobilizavam.

Voltando à questão das escolhas levantadas pela estagiária P., ela declara: "No final do período, tive a oportunidade de me afastar um pouco do Centro. Surgiu uma viagem que parecia ideal, mas ao mesmo tempo não queria parecer fujona. Foi duro ouvir as palavras da minha supervisora: deveria esscolher ficar no Centro ou viajar. Decidi viajar! Foi ótima a minha decisão e não me sentia como se estivesse correndo, fiz uma escolha." Conseguindo repetir o seu problema referente às escolhas, a estagiária conseguiu se reciclar e voltar para o Centro. "Preocupada com a prevenção da saúde da comunidade, e a minha também, como integrante da mesma."

Tanto ela quanto os outros estagiários escolheram ir até o fim de um estágio doloroso, visto que incitador de sua emoções e razões, movidos por um desejo que só suas vidas pessoais poderiam dar conta.

5. Conclusão

Através do nosso estudo, conseguimos constatar a intervenção do fenômeno contratransferencial nas reações dos estagiários e da psicóloga institucional durante as relações que eles mantiveram com a instituição-escola, como as reações de contra-identificação projetiva, submissão, passividade e sono. Este fato converge com a abordagem teórica de analistas como Racker e Devereux, que tratam a relação analista (psicólogo institucional) - paciente (instituição) como interacional e interpessoal, onde os seus participantes desempenham um papel complementário ao do outro.

Tendo-se em conta que a contratransferência foi clarificada e analisada nas supervisões, resultando no conhecimento dos estagiários e da supervisora a respeito de si próprios e de seus desejos e na compreensão do paciente – instituição – e de suas solicitações, sua intervenção foi muito válida.

Concordamos com Hemrich Racker de que "seja qual for a vivência do analista, suas reações sempre têm ligação com os processos do paciente" e que é menos perigoso confiar exageradamente nas mensagens do inconsciente do próprio analista (a contratransferência como guia para a compreensão do paciente) do que reprimir essas mensagens e não lhes dar nenhum valor de "objeto".

Abstract

"This investigation was developed in order to meet explanation for what happen in the counter-transferences reactions and to show the validity of counter-transference intervention in the institutional psychologist's investigation in any institution, presuming that relation between institutional psychologist and institution is interpersonal and complementary."

Referências bibliográficas

Bleger, José. *Psico-higiene e Psicologia Institucional.* Trad. Emilia de Oliveira Diehl. Porto Alegre. Artes Médicas, 1984.

Coelho, Vera Lucia Deenop. *Contratransferência:* uma abordagem teórico-prática (monografia de mestrado). Rio de Janeiro, FGV, 1983.

Devereux, George. La contratransferencia desencadeada: el papel complementario. In: *De la ansiedade al metodo en las ciencias del comportamiento.* Trad. Felix Blanco. México. Siglo Veintiuno. cap. 19. p 287-306. 1977.

Failla, Maria Izabel Siquier de. Transferencia y contratransferencia en el processo psicanalítico (sem referência bibliográfica).

Freud, Sigmund. As perspectivas futuras da terapêutica psicanalista. (1910) In: Ed. Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Trad. Jayme Salomão, Rio de Janeiro. Zago, vol. 11, p. 130, 1970.

Galano, Mônica H. A contratransferência na psicanálise. *Arquivos Brasileiros de Psicologia.* Rio de Janeiro, FGV, *39* (3): 72-84, jul/set. 1987.

Heliana de B. C. Rodrigues & Souza, Vera Lúcia B. de. In: *Análise Institucional no Brasil.* Favela. hospício. escola, Funabem. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1987.

Racker, Heinrich. *Estudos sobre técnica psicanalítica.* Trad. José Cláudio de Almeida Abreu. 2 ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.

——. Observaciones sobre la contratransferencia como instrumento técnico. Comunicacion preliminar. Revista de Psicanalise, t. 9, (3): 342-43, 1952.

Relatório de Estágio em Psicologia Institucional, realizado no Centro Cultural Comunitário de São Cristóvão, da Secretaria Municipal de Educação, Rio de Janeiro, de 8/87 a 7/88.

Saldon, Oswaldo & Kamkhagi, Vida Rachel, org. *Análise Institucional no Brasil*. Favela, hospício, escola, Funabem, Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1987.

Santos, Wanda Dias dos et alii, Psicologia Institucional/Ação Transformadora: uma experiência fracassada? Trabalho apresentado pela autora no II Congresso Latino-Americano de Psicologia Marxista e Psicanálise, na cidade de Cuba, em fevereiro de 1988.

Winnicott, D. W. O ódio na contratransferência. In: *Textos selecionados*. Da pediatria à psicanálise. Trad. Jane Russo. Rio de Janeiro, Francisco Alves. 1978. cap. 15. p. 341-53.